



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**Instituto de Ciências Humanas**

**Departamento de História**

**PATRICIA MOREIRA ALVES DE SOUZA**

**A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA EM O CRUZEIRO:  
FOTOGRAFIAS DE GRANDES REPORTAGENS  
PROPAGANTISTAS (1959-1960)**

**BRASÍLIA**

**DEZEMBRO, 2019**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**Instituto de Ciências Humanas**

**Departamento de História**

**PATRICIA MOREIRA ALVES DE SOUZA**

**A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA EM O CRUZEIRO:  
FOTOGRAFIAS DE GRANDES REPORTAGENS  
PROPAGANTISTAS (1959-1960)**

Trabalho de conclusão apresentado ao Departamento de História, do Instituto de Ciências Humanas, do Campus Darcy Ribeiro, da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso 2 – TCC 2 para a obtenção da Licenciatura em História.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Albene Miriam Menezes Klemi**

**BRASÍLIA**

**DEZEMBRO, 2019**

PATRICIA MOREIRA ALVES DE SOUZA

A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA EM O CRUZEIRO: FOTOGRAFIAS  
DE GRANDES REPORTAGENS PROPAGANTISTAS (1959-1960)

Trabalho de conclusão apresentado ao Departamento de História, do Instituto de Ciências Humanas, do Campus Darcy Ribeiro, da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso 2 – TCC 2 para a obtenção da Licenciatura em História.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Albene Miriam Menezes Klemi

Brasília, 09 de dezembro de 2019

**Banca Examinadora**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Albene Miriam Menezes Klemi

Orientadora

---

Prof.(a) Dr.<sup>a</sup> Cristiane de Assis Portela

Examinadora

---

Prof. Dr. Mateus Gamba Torres

Examinador

*In memoriam da minha querida avó Arlette, e  
minha saudosa mãe Célia Maria pioneiras,  
fizeram parte da construção dessa cidade tão  
amada.*

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Albene Miriam Menezes Klemi, exemplo de competência e ilibado saber, pelo inestimável apoio e pela indispensável orientação que me deu para a realização deste trabalho, a todos os professores e colegas do curso de História da UNB, pela amizade pelo convívio cordial e prestimoso ao longo desses anos e finalmente, a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão desta pesquisa, especialmente meus amados filhos: Amanda e Arthur.*

## SUMÁRIO

RESUMO .....	2
INTRODUÇÃO .....	3
O SURGIMENTO DA FOTOGRAFIA NO BRASIL E A REVISTA O CRUZEIRO .....	5
JK, CHATEAUBRIAND, BRASILIA E AS FOTOGRAFIAS DAS GRANDES REPORTAGENS EM O CRUZEIRO.....	10
FOTOGRAFIAS DE BRASÍLIA NAS GRANDES REPORTAGENS DE O CRUZEIRO (1959-1960) .....	13
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	29

## **A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA EM O CRUZEIRO: FOTOGRAFIAS DE GRANDES REPORTAGENS PROPAGANTISTAS (1959-1960)**

Patricia Moreira Alves de Souza<sup>1</sup>

Albene Mirian Menezes Klemi<sup>2</sup>

### **RESUMO:**

O objetivo desse estudo é analisar como a Revista O Cruzeiro tratou o tema da construção de Brasília em algumas de suas edições, no período de 1959 a 1960. A revista, em consonância com o movimento de modernização da imprensa brasileira nos anos 1950, adotou uma forma vanguardista para noticiar a construção da nova Capital, utilizando-se tanto de texto de reportagens, como de fotografias, as quais corroboravam a propaganda positiva das metas do governo do então presidente Juscelino Kubitschek, que apresentava a construção de Brasília como um modelo de superação do atraso e da miséria do passado e, por conseguinte, da modernidade do país. Essas matérias constituídas pelo binômio texto-fotografia ajudaram a divulgar uma imagem de modernidade do país. Nossa hipótese é que houve um engajamento da revista na divulgação de um projeto político e simbólico do governo de JK, com o intuito de germinar e influenciar no imaginário social da nação aspectos de um discurso nacional-desenvolvimentista. Assim, pretende-se trazer à tona o artifício propagandista do fotojornalismo na construção de Brasília, que nas reportagens de O Cruzeiro expressa simbologia do poder e buscou influenciar o consenso social sobre a viabilidade de construção e transferência da nova capital. A abordagem do tema é de natureza qualitativa e assentada em bibliografia e matérias da revista em tela, selecionadas por amostragem pautada pela extensão das mesmas e repercussão dos respectivos exemplares à época, como, por exemplo, edições sobre a construção da Nova Capital, nos anos de 1959 e 1960, quando muitas das edificações estavam em fase de acabamento ou finalizadas.

Palavras-chave: O Cruzeiro. Construção de Brasília. Modernidade. Propaganda.

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pelo Departamento de História da Universidade de Brasília (UnB).

<sup>2</sup> Professora associada do Departamento de História da Universidade de Brasília (UnB) e orientadora da graduanda.

## **INTRODUÇÃO:**

O legado histórico do fotojornalismo brasileiro do século XX ainda é pouco explorado por estudos acadêmicos. Decorrente de sua grande riqueza e diversidade, a revista O Cruzeiro, depois de 44 anos de seu fechamento, continua sendo referência para os profissionais da imprensa brasileira, embora um tanto desconhecida pelas gerações atuais (COSTA e BURGI 2012). Essa forma de reportar os acontecimentos assumiu contornos de publicidade no caso da construção de Brasília.

Conforme lembra Ferreira e Mesquita (2001), a publicidade é um fenômeno urbano, sem ela não seria possível haver a incorporação na sociedade das grandes inovações tecnológicas, nem divulgar e espelhar hábitos, valores e comportamentos. Neste trabalho serão analisadas reportagens da revista O Cruzeiro sobre a construção de Brasília entre os anos 1959 a 1960, demonstrando a importância da revista, como veículo influenciador da sociedade brasileira naquele período, assinalando-se que retratando de forma positiva e modernista a construção da nova capital, através de fotografias e reportagens.

A construção da nova Capital entrelaça-se com a trajetória de JK como expoente máximo da cena política brasileira. Após o fatídico suicídio de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek se legitima no poder através de eleições presidenciais, assumindo assim, a presidência da república democraticamente. Seu apoio popular foi angariado através de promessas de campanha, entre as mais significativas citam-se a erradicação do subdesenvolvimento, do atraso e da pobreza. Havia um estímulo a sociedade para que ocorresse uma modernização do país, e a construção de Brasília era a materialização do moderno, a superação do Brasil atrasado (ROMANELLO, 2007). A busca do desenvolvimento propagado por JK causou consideráveis mudanças estruturais na economia, as quais foram fundamentais para que o Brasil obtivesse uma imagem de país do futuro.

A conjuntura do país registra uma certa ebulição social com o irrompimento de várias manifestações culturais. Por seu turno a ambição política do presidente era melhorar a qualidade de vida da população e a grande meta a atingir era o desenvolvimento econômico, o qual foi acelerado em seu governo. Porém há de se ressaltar que a saúde e a educação pouco mudaram. Coincidentemente, esse período viu o surgimento de seguimentos intelectuais e profissionais dotados de conhecimento técnico-científico, numa sociedade que almejava não só usufruir de bens de consumo, como também de bens culturais. A avidez por mudanças transpunha as esferas



econômicas e políticas, surgiam novas formas de fazer cinema, teatro, música, e artes plásticas. Aqueles anos viram também o desabrochar de um design arrojado, o concretismo, toma corpo o movimento Bossa Nova, cinema novo, teatro do oprimido e a música de protesto, dando início a uma nova integração entre a cultura, modernidade e o desenvolvimento (VELOSO, 1991).

A imprensa acompanhava as mudanças, que atingia quase todos os aspectos da vida do país entre outras mudanças estruturais profundas na economia, a sociedade se modernizava: Novas revistas, novos jornais surgiram, e os já existentes passaram por modificações relevantes, seja na forma de apresentação e diagramação das matérias, seja numa nova apresentação estética. Tais mudanças se relacionam às inovações técnicas, gráficas, editoriais e também na questão visual. Abandonava-se a tradição do jornalismo voltado para a crítica, ao combate, a doutrinação e a opinião. Essas mudanças se reportam a fatos do passado recente, como o suicídio de Getúlio Vargas, em 1954, quando a imprensa sistematicamente de forma violenta abordou os temas políticos, propiciando mesmo que não intencionalmente, aquela tragédia (FERREIRA e MESQUITA, 2001).

Nos anos 50, houve um notável crescimento da profissionalização no setor da mídia impressa, as faculdades de filosofia foram diretamente responsáveis pelo advento de colocar no mercado, profissionais mais especializados, técnicos, imparciais contribuindo para um jornalismo informativo e menos sensacionalista do período de Vargas. A revista O Cruzeiro, integrante desse conglomerado, teve participação significativa e direta, atuando enfaticamente nas propagandas de campanha do governo de JK, que se traduzia em obras e empreendedorismo que se realizavam em um discurso evangelizador de modernidade.

Na Europa e nos EUA, o surgimento de revistas ilustradas está relacionado ao avanço tecnológico que permitia a inclusão da fotografia nas páginas dos periódicos, a industrialização da imprensa, a comercialização da notícia e a expansão da publicidade. No Brasil não podia ser diferente, já que o país passava por um quadro semelhante de transformações (COSTA e BURGI, 2012).

As reportagens sobre canteiros de obras induziram a perspectiva de materialização de um grande acontecimento histórico, marco do desenvolvimento social e econômico dos anos 50 e 60, retratados nessa revista de grande expressão popular, cujo destaque era o fotojornalismo. A mídia exercia um facciosismo político, o qual desempenhava grande influência sobre um público de elite e classe média alta, fundando-se na simpatia de caráter partidário (LATTMAN-WETTMAN, 2003).

Nesse contexto, os operários labutando dia e noite, significavam o modernismo e o progresso do Brasil. Os esforços envolvidos na ampliação física e simbólica do território brasileiro, realizados entre as décadas de 40 e 50, culminariam com a fundação da nova Capital, a qual retrata visual e jornalisticamente a cidade símbolo do Brasil moderno.

## **O SURGIMENTO DO FOTOJORNALISMO NO BRASIL E A REVISTA O CRUZEIRO**

A revista O Cruzeiro no período em pauta vai se destacar como um semanário de fotojornalismo. A fotografia chegou ao país em 1840, era documental nessa época, o fotojornalismo tinha o nome de foto documentaríssimo e teve início quando Louis Compte fotografou pela primeira vez o Paço Imperial no Rio de Janeiro. Entre outros fotógrafos importantes do período, destacam-se: Marc Ferrez e Juan Gutierrez de Padilha. A primeira fotografia impressa numa revista no Brasil apareceu no dia 20 de maio de 1900 na Revista da Semana, (suplemento do jornal do Brasil) e mostrava as comemorações de 4º centenário de descobrimento do Brasil. Um marco histórico, também por outro motivo, a Revista da Semana foi a primeira na América do Sul a imprimir clichês<sup>3</sup> em tricromia, isto é, em três cores, porém não muito perfeitas. Por muito tempo a fotografia jornalística no Brasil limitou-se a fotos pousadas e retratos.

As revistas brasileiras dedicavam-se as reportagens sociais, as chegadas e partidas de políticos eminentes na cidade do Rio de Janeiro e aos esportes. Foi assim com uma infinidade de publicações pioneiras, entre as quais se contam além da Revista da Semana, O Malho (1902), Kosmos (1904), A Vida Moderna (1905), Fon Fon (1906), Liga Marítima e Careta (1907), A Ilustração Brasileira (1908), Selecta (1914) e Paratodos (1918) (COSTA e BURGI, 2012)

No dia 10 de novembro de 1928 circulou o exemplar de número um do Cruzeiro, em 5 de dezembro houve a festa de lançamento na cidade do Rio de Janeiro, um acontecimento que movimentou a cidade carioca. Fundada por Carlos Malheiros e publicada pelos Diários Associados de Assis Chateaubriand (COSTA E BURGI, 2012)

---

<sup>3</sup> Clichês: placa de metal, ger. zinco, gravada fotomecanicamente em relevo, obtida por meio de estereotipia, galvanotipia ou fotogravura, destinada à impressão de imagens e textos em prensa tipográfica.

A partir de 1929, a revista deixou de ser *Cruzeiro* e passou a ser denominada de *O Cruzeiro*. Era mais um veículo de informação que integrava o conglomerado de comunicação de Assis Chateaubriand, uma das organizações mais importantes da história dos meios de comunicação no Brasil.

A revista foi custeada por financiamento intermediado pelo então ministro da Fazenda, Getúlio Vargas, circulava em todas as capitais e grandes cidades do país, com um projeto de qualidade, de papel superior, muitas fotos rodadas em quatro cores, em fotogravura, com tiragem semanal inicial de 50 mil exemplares, o projeto ousado de Chateaubriand caiu como uma luva nos planos políticos de Vargas. Chateaubriand estava frustrado com a impossibilidade de ampliar sua rede para o sul, comprando o *Diário de Notícias* de Porto Alegre e pensando num produto que atingisse o Brasil inteiro, criou *O Cruzeiro* (MORAES, 1994).

O magazine nasceu e tomou impulso nos anos do governo federal de Washington Luiz Pereira de Souza (15/11/1926-24/10/1930), período de intensa migração do campo para as cidades, época em que o Brasil registrava o aumento da vida urbana, em que fábricas se espalhavam, absorvendo costumes agrários e dando ao país ares de modernidade, enquanto o mundo vivia o período entreguerras. Mas também interstício que registrou a epopeia da Coluna Prestes e da crise econômica de 1929, com a quebra da bolsa de valores de Nova York que leva à grande depressão mundial do início dos anos 1930.

Destacava-se nesse semanário as grandes reportagens<sup>4</sup>, formato que misturava a pesquisa de campo, a opinião jornalística, entrevistas e fotografias. No caso de *O Cruzeiro*, esse formato tem início com a formação da dupla Nasser-Manzon em 1943, a qual prolongou-se até 1951. David Nasser, jornalista, tido como repórter de primeira ordem, mas pouco honesto, capaz de inventar notícia, e o francês Jean Manzon, repórter fotográfico, que trouxera muito da experiência francesa para o Brasil.

Quando o fotografo francês chegou no Brasil, em 1940, a fotorreportagem era inexistente no país e o nível de impressão era de qualidade ruim, para os padrões internacionais. De acordo com Antônio Callado, “Jean Manzon ficou horrorizado com o nível, da impressão, da paginação, do texto e sobretudo das fotos de “*O Cruzeiro*”. (CALLADO, 1996, s. pág.). Disposto a ‘criar’ com Manzon, o “*Paris Match*” do Brasil, Chateaubriand não somente providenciou um companheiro de bom texto para o fotografo

---

<sup>4</sup> Grandes reportagens: publicava-se, geralmente, 3 em cada exemplar, uma reportagem principal, no início e outras duas menores no meio e no final da revista.

francês, David Nasser, como “resolveu assaltar quem fosse necessário”, nas palavras de Callado (1996) para importar “máquinas impressoras com as quais o jornalismo brasileiro ainda nem sonhava.” (CALLADO, 1996, s. pág.). Manzon contribuiu com a implementação das reportagens fotográficas, utilizando a sua experiência de participação em coberturas de guerras, o que modificou por completo o jornalismo nacional (CARVALHO, 2001). Entrementes, quando da construção de Brasília, a referida dupla não mais existia, Nasser continuava na revista, porém o francês atuava na sua recém-criada (1952) Manzon Produções, no ramo de documentários. Fato é que, a dupla Jean Manzon-David Nasser, “em breve conquistou o Brasil com um furacão de ocorrências sensacionais, verídicas ou não, ilustradas com fotos de estarrecer.” (CALLADO, 1996, s. pág.). Foi sob esse padrão pioneiro que O Cruzeiro registrou os anos iniciais da construção de Brasília, numa sequência de grandes reportagens. Em 1960, todavia, a revista recebeu um novo *design editorial*, conhecido pelo modismo da época, “bossa nova”.<sup>5</sup>

A década de 50 registrou outro aspecto revolucionário na imprensa brasileira, que exerceu poderosa influencia na valorização da fotografia como elemento essencial do jornalismo: a pré-paginação, ou diagramação<sup>6</sup>.

Por outro lado, no período compreendido entre 1930 e 1950, inicia-se a transformação de uma nova sociedade brasileira, as fotografias e os textos publicados por revistas ilustradas, levavam a crescente população urbana a conhecer novos e arrojados produtos de consumo, particularmente por meio de publicidades, assim como se modernizava os padrões de comportamento das classes dominantes.

Nesse contexto, embora sem os recursos e perfeccionismos utilizados hoje em dia, alguns periódicos, como O Diário Carioca do Rio de Janeiro, começaram a contratar artistas gráficos para planejar o esboço das primeiras fotografias em decorrência da necessidade de reservar bons espaços no jornal para suas publicações, assim como planejar boas fotos a serem obtidas pelos fotógrafos. Alguns autores são unânimes em reconhecer que a revista O Cruzeiro, sejam por meio de fatos verdadeiros ou criados, exaltava o jogo e a conquista de poder, tendo como meta atingir o maior número de

---

<sup>5</sup> Na década de 1950, em 1957, foi lançada O Cruzeiro Internacional, edição em espanhol, de circulação em cerca de 18 países, até 1965, que tinha a pretensão de concorrer com a *Life* norte-americana.

<sup>6</sup> Diagramação: ato de distribuir elementos em uma página. Considerada uma das principais práticas do design gráfico, visa solucionar problemas de legibilidade, utilizando o conhecimento tipográfico.

leitores. Objetivo era vender revistas, anúncios, produtos e difundir um projeto de modernidade capitalista, como as revistas americanas *Way* e *Life*. A revista foi herdeira de uma tradição que se iniciou na Europa, cujo protagonista é o desenvolvimento das câmaras fotográficas e as mudança da concepção de fotografia, a qual, não apenas se destinava a ser unicamente um registro, mas uma narrativa seguindo os exemplos de das revista norte-americanas *Way of Life*, *Time* e *Match* e europeias *VU* e *Voilà* (COSTA, e BURGUI 2012) .

O *Cruzeiro* tem uma história de aproximação com o poder, da situação, tornou-se referência sobretudo na ideologia de transformar o Brasil em uma nação moderna, desenvolvimento e industrialização caminhando juntos, assim como na afirmação do pensamento nacionalista (SERPA, 2007).

Por anos a revista vanguardista publicou matérias polemicas<sup>7</sup> e divulgou produtos que ditavam padrões de comportamento e consumo, hábitos de leitura, sintetizando formas de vida do século XX. Retratou episódios que marcaram a vida da classe média emergente, a qual passou a ter maior poder aquisitivo, a partir dos anos 1950, que coincidem com dois fenômenos significativos e interligados: formação de cultura de massa no Brasil e a afirmação da publicidade como principal sustentáculo dos periódicos. (COSTA; BURGI, 2012:25)

Apesar do alto grau de analfabetismo no Brasil, a revista contava com grandes tiragens, chegando a mais de 700 mil exemplares em 1954, com a reportagem sobre a morte de Getúlio Vargas e com o público de milhões de eleitores (SERPA, 2007)

O periódico circulou por quase todos os Estados da Federação e em outros países, como a Argentina, Uruguai, entre outros da América Latina assim, mesmo que muitos leitores vivessem em lugares de difícil acesso, conseguiam ter contato com as fabulosas histórias reportadas semanalmente, uma vez que a sua divulgação contava com as facilidades dos meios de comunicação, como os Correios (VELLOSO, 1991).

O *Cruzeiro* colaborou, por meio de fotografias e reportagens inovadoras, na edificação da ideologia do governo de Juscelino Kubitschek. Essa realização assentava-se em um projeto empreendedor e grandioso que sinalizava o futuro das comunicações, assim vislumbrava Chateaubriand. O *Cruzeiro* nasceu entre o paradoxo, novo e o velho. Suas páginas coloridas e uma proposta inovadora contribuiu não apenas para o

---

<sup>7</sup> Reportagem sobre Carmem Miranda –“Carmem vai ser mãe” o *cruzeiro* nº 51 -05/10/1948.

jornalismo, mas principalmente para uma publicidade em defesa de uma ordem nacional e moderna.

A revista sempre contribuiu com a afirmação de uma política modernista e de consonância com seus interesses e os do governo, ela se propunha a formar opiniões, ditar moda, comportamentos. Preocupava-se em pôr em pauta assuntos dos quais julgava poderem influenciar a transformação social, mesmo que abrangesse um seletor público elitizado. Sejam os fatos verdadeiros ou criados, fazia parte do jogo da conquista de poder, atingir o maior número de leitores, o objetivo: vender revistas e anúncios, produtos de um projeto de modernidade, procurando também apresentar ao leitor o peso que a sétima arte teria dentro da publicação (COSTA; BURGI, 2012). O Cruzeiro estabelecia uma via de mão dupla, ao mesmo tempo em que respondia as expectativas dos seus leitores através de imagens e discursos de modernização, criava valores e modelos a serem seguidos, utilizando a agilidade e grande capacidade de comunicação proporcionado pela fotojornalismo (ROMANELLO, 2007). Os empresários das comunicações pretendiam ampliar e manter o controle de um amplo capital simbólico, que os permitia participar da vida política do país, pois o processo de modernização da imprensa foi encarado como parte do crescimento econômico e redemocratização do país, incrementando a proximidade entre a mídia e o meio político, o aumento de leitores tornaria possível buscar mais votos (BOURDIER, 2002).

O Cruzeiro ajudou a forjar os interesses políticos e econômicos envolvidos, O papel da mostrou-se de primordial relevância para sobrevivência dos órgãos de comunicação pois financiavam o desenvolvimento destes, com empréstimos obtidos por estabelecimento oficiais de crédito (RIBEIRO, 2003). O Cruzeiro revista semanal, foi formadora de opiniões e teve grande relevância na história da mídia particularmente dos periódicos ilustrados do Brasil. Influenciadora de uma sociedade moderna, preponderante para a propaganda governista de JK, nisso contou com o apoio de seu editor: Assis Chateaubriand, visionário das comunicações e empreendedor do jornalismo brasileiro, de grande capacidade influenciadora, sempre cercado do poder da situação, o qual foi responsável pela propaganda governista e emoldurou com uma imagem positiva o novo e polêmico empreendimento de JK: Brasília, a capital da esperança.

## **BRASÍLIA, JK, CHATEAUBRIAND E AS FOTOREPORTAGENS DE O CRUZEIRO**

Ao escolher Brasília como meta-síntese de seu Plano de Metas, JK queria revesti-la de uma grandeza simbólica que pairasse sobre todas as outras metas contidas no plano, onde quer que estas estivessem sendo implementadas. Almejava que Brasília fosse a parte visível, palpável, que desse a medida do sucesso da implementação do Plano de Metas, que pelo seu caráter difuso, com intervenções em várias áreas, em diferentes pontos do território nacional causava dificuldade de visualização quanto a sua efetividade (PRADO, 2007).

O período em tela foi marcado pelo seguinte contexto: “O espírito do novo, a vontade de mudança transcendera as esferas econômicas e políticas e contaminaram o campo das artes e da cultura.” (A Imprensa em Transição, *In* ABREU, 1996). Ortiz corrobora essa constatação e explana:

O historiador da cultura que um dia tiver a oportunidade de se debruçar sobre o período que vai de 1945 a 1964 decididamente não deixará de notar que se trata de um momento de grande efervescência e de criatividade cultural. É como se uma fase da história concentrasse uma soma variada de expressões culturais (ORTIZ, 1999:101).

Para o então presidente JK, Brasília, veio também satisfazer a busca por algo que simbolizasse o salto pretendido, “cinquenta anos em cinco”, e demandou um processo de divulgação e convencimento, no qual a mídia teve papel preponderante (PRADO, 2007). Helena Bomeny, conclui que JK “selaria o conjunto de atributos a ele conferido pelo imaginário cultural com a criação da nova capital do país: Brasília viria como meta síntese das 30 metas iniciais com as quais acenava para a nação em campanha eleitoral” (BOMENY, 1991:146).

Brasília por outro lado, ajudada pela oposição, contrária à sua construção, estava diariamente nas mídias impressa e radiofônica, o que bem ou mal dava uma medida exata do progresso das obras. Recai uma das maiores críticas à construção da Nova Capital sobre os custos de sua obra, estipulado entre Cr\$ 230 a Cr\$ 300 milhões de cruzeiros (LAFER, 2002)

Após a eleição de JK, O Cruzeiro continuou a promover o presidente, registrando sua vida em família, encontros com personalidades, a revista inaugurava através de sua missão com JK um novo tipo de relação entre a imprensa e o homem público apresentando-o como cidadão comum e ao mesmo tempo enaltecendo suas qualidades como chefe de Estado (FERREIRA; MESQUITA, 2001).

No último ano de governo JK, a revista fez um grande balanço do Plano de Metas e seu estágio de implementação nas mais diferentes áreas, a mensagem visual ampliou seu caráter legitimador das informações veiculadas, apresentando um Brasil inserido na ordem mundial industrializado e progressista. (PRADO, 2007:88)

Em suas reportagens havia grande carga de simbolismo enriquecida de um discurso ideológico, porém é difícil identificar a postura ideológica editorial da revista, apesar do aparente apoio ao governo JK. Chateaubriand foi opositor a transferência da Capital, mas mantinha “gratidão” por Juscelino, pelo ocorrido no aeroporto de Congonhas quando perdeu o voo para tratar com o governador de Pernambuco sobre a candidatura de JK à presidência da República, e com isso, livrou-se do acidente que abateu aquele voo, todos os passageiros foram vitimados, sem sobreviventes. Além desse fato, JK comprometera-se com Chateaubriand a indicá-lo para a embaixada brasileira na Inglaterra, caso vencesse o pleito (MORAES, 1994).

Por mais que Chateaubriand estivesse próximo a JK, não havia adesão incondicional deste aos preceitos nacional-desenvolvimentismo, a revista regularmente fazia críticas ao governo, seja pelas realizações, seja pelas omissões. As críticas advinham de David Nasser, articulista da revista, o qual, apesar de se dizer amigo do presidente, fazia comentários agressivos e depreciativos quanto à atuação de JK. Dois artigos chamaram muito a atenção quando às críticas da revista: “SIMPATIA NÃO SE GOVERNA” (*O Cruzeiro* 16/06/1957) “MANÉ FOGUETEIRO” (*O Cruzeiro* 11/04/1959). Nasser demonstrava pouca receptividade ao governo em relação às suas críticas (PRADO, 2007: 122).

A impressão é de que a revista *O Cruzeiro* adotava duas posturas: crítica ou enaltecadora, apesar da independência jornalística adotada, porém oscilante de acordo com o rumo dos ventos, havia uma estratégia: elogiar, mas sempre deixando marcada a posição de que se as coisas mudassem, poderia haver uma negociação entre os Diários Associados, empresas e o governo, podendo o espaço do elogio desaparecer e o das críticas aumentar (PRADO, 2007).

Segundo Ana Paula Goulart Ribeiro (2003) em seu artigo intitulado “Jornalismo, Literatura e Política”, o apoio político era importante para a sobrevivência dos órgãos de comunicação, pois financiavam o seu desenvolvimento com empréstimos concedidos por estabelecimentos oficiais de crédito, e como estratégia estes órgãos apoiavam grupos políticos que lhe tinham favorecido.



Chateaubriand obteve através de JK, além de favorecimento econômico, o posto de embaixador do Brasil na Inglaterra, em contrapartida moveu muito bem o cenário político brasileiro e não media esforços para conseguir seus objetivos, mantinha uma distância crítica e segura para seus interesses e possuía uma visão conservadora de democracia alinhado ao ideário do partido político UDN (SERPA 2007). Morais registra o posicionamento do proprietário de O Cruzeiro relativo à sua indicação para o cargo de embaixador na Inglaterra, com o intuito de caracterizar surpresa pela indicação:

Desejo que os brasileiros saibam que não foi o governo quem me convidou para a missão que vou ter em Londres, na cabeça do Império. Fui eu quem, desde 1953, admitindo a hipótese de o governador Kubitschek vir a ser o presidente da República, lhe pedi que me reservasse a embaixada de Londres, caso pudesse merecer a confiança para exercê-la. Ele disse que sim, e que tão logo o embaixador Souza Leão se aposentasse, faria o expediente necessário junto ao Foreign Office para saber se eu era ali persona grata, a fim de poder ser nomeado pelo governo federal” (MORAIS, 1994: 600).

O Cruzeiro, apesar de ter sido por um bom período absoluto no mercado elitista das revistas ilustradas, teve uma grande concorrente, a revista Manchete, fundada em 1952 por Adolfo Bloch, que surgiu com a proposta de abordar uma diversidade de temas em grandes reportagens. Seu dinamismo e seus frequentes “furos” faziam com que concorresse em popularidade com O Cruzeiro. Algumas de suas reportagens marcaram época, como as da edição especial dedicada à morte de Vargas.

A cobertura política da Manchete abraçou o programa nacional-desenvolvimentista de Juscelino, a quem apoiava de modo irrestrito. Sobre tudo a construção de Brasília foi difundida nas páginas da revista em belíssimos ensaios fotográficos.

A Revista Manchete, foi considerada a segunda maior revista brasileira de sua época. Empregando uma concepção moderna, a revista tinha como fonte de inspiração a ilustrada parisiense “Paris Match”, que utilizava como principal forma de linguagem o fotojornalismo. A Manchete atingiu rápido sucesso e em poucas semanas chegou a ser a revista semanal de circulação nacional mais vendida do país, destituindo a renomada e, até então, hegemônica: O Cruzeiro.

A simpatia de JK ganha um novo fôlego e os anunciantes veem na revista a oportunidade de alavancar venda de seus produtos.

No período do governo JK, fica marcado o crescimento da Manchete e o início do declínio de O Cruzeiro, até sua última edição em 1975. A ausência de Chateaubriand, a corrupção interna, o crescimento da Manchete, o fortalecimento da televisão, podem ter sido os fatores que incidiram na extinção da revista O Cruzeiro.

Nas fotorreportagens havia o subterfúgio de modelos famosas, ou anônimas com grande jovialidade e beleza, legitimando o ufanismo nacional-desenvolvimentismo, e como pano de fundo a arquitetura arrojada da cidade de Brasília, asseverando o discurso da importância da marcha para o oeste, efetivando a posse do território para pôr derradeiro haver a grande integração nacional e o desenvolvimento integralizador de todas as regiões do Brasil. O lúdico também se fazia presente na figura feminina, representando o nascer e criar o orgulho pela cidade, nos remetendo a ideia: “a casa é sua, entre e fique à vontade.”

Brasília foi erguida em 3 anos, ao menos seus principais prédios. Em 1958 ficou pronto o palácio do Alvorada, a sede pronta para que o projeto não fosse abandonado. (Oliveira s. pág.). As fotos descrevem o projeto urbanístico de Brasília, com sua arquitetura futurista e moderna, com ideia de progresso e empreendedorismo, amplamente propagada no governo de JK.

## **FOTOGRAFIAS DE BRASÍLIA NAS GRANDES REPORTAGENS DE O CRUZEIRO (1959-1960)**

Na revista O Cruzeiro, no período em pauta, as fotografias são verdadeiras narrativas visuais das reportagens. No caso específico da construção e inauguração de Brasília, o formato das fotografias divulga ideia de moderno, progresso, muitas vezes com tomadas de ângulos amplos, majestosos, e fazendo uso do branco e preto. Para ilustrar este estudo, selecionou-se algumas fotografias usando os seguintes filtros: escolheu-se os anos 1959 e 1960, quando o traçado urbanístico da Nova Capital, em boa escala, já estava implantado e muitas das suas principais edificações concluídas ou em fase de finalização. Selecionou-se algumas das chamadas grandes reportagens, a partir da identificação das mesmas, no âmbito da pesquisa do acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. O critério da escolha considerou: a) a composição do espaço fotográfico; ou seja, o tamanho das fotografias, priorizando-se as reportagens com fotografias grandes que ocupam páginas duplas, uma página inteira ou metade de uma página. b) o suporte da reportagem: manchete, título, texto escrito e legendas das fotografias. E, c) os temas

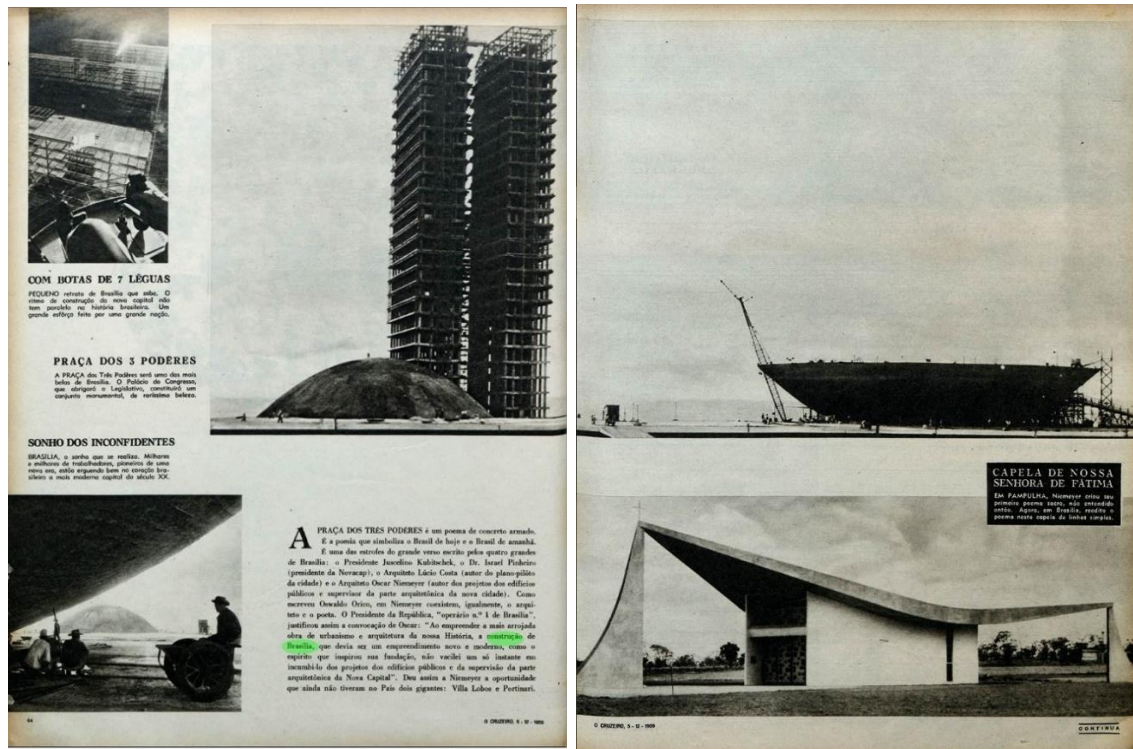
registrados. Desse modo, chegou-se às seguintes fotorreportagens: “Isto é Brasília”; “Brasília: Cidade Humana” e “O Futuro já tem Capital – Brasília”.

Relativo à fotorreportagem “Isto é Brasília”, trata-se de uma reportagem de Hélio Cabral, publicada na edição de 5 de dezembro de 1959, com cerca de cinco páginas, sendo que uma das fotografias ocupa página dupla. Matéria divulgada cerca de quatro meses antes da inauguração da Nova Capital, tempo considerável, uma vez que a cidade foi construída em três anos.

A reportagem “Brasília: Cidade Humana”, de autoria de Jorge Audi, traz uma composição gráfica com três páginas duplas e uma simples, na edição de 26 de março de 1960, publicada, portanto, pouco antes depois da inauguração de Brasília.

Quanto à reportagem, “O Futuro já tem Capital”, é a famosa reportagem extra, com duas dezenas de páginas, reportando a inauguração de Brasília, uma cobertura que contou com uma grande equipe de repórteres e fotógrafos, ao todo nove profissionais, a saber, Ubiratan de Lemos, Audálio Dantas, Luiz Carlos Barreto, José Medeiros, Ronaldo Moraes, Paulo Namorado, Geraldo Viola, Rubens Américo e List Steiner.

Na reportagem “Isto é Brasília”, O Cruzeiro evoca o “sonho dos inconfidentes” no texto da primeira fotografia.



Fotografia 1 Revista *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, Ano 1959 Edição 0008 págs. 65/132  
Acessível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/003581/121765?pesq=BRASILIA>  
<http://memoria.bn.br/DocReader/003581/121764?pesq=BRASILIA>  
acesso em 30/11/2019.

A presente fotografia em pagina dupla, faz referência a beleza e a monumentalidade da edificação do Congresso que será a sede do legislativo, abaixo a direita e a igrejainha da 107 sul, o qual investida de grande arrojo arquitetônico, construída a pedido da primeira dama D. Sarah Kubitschek.

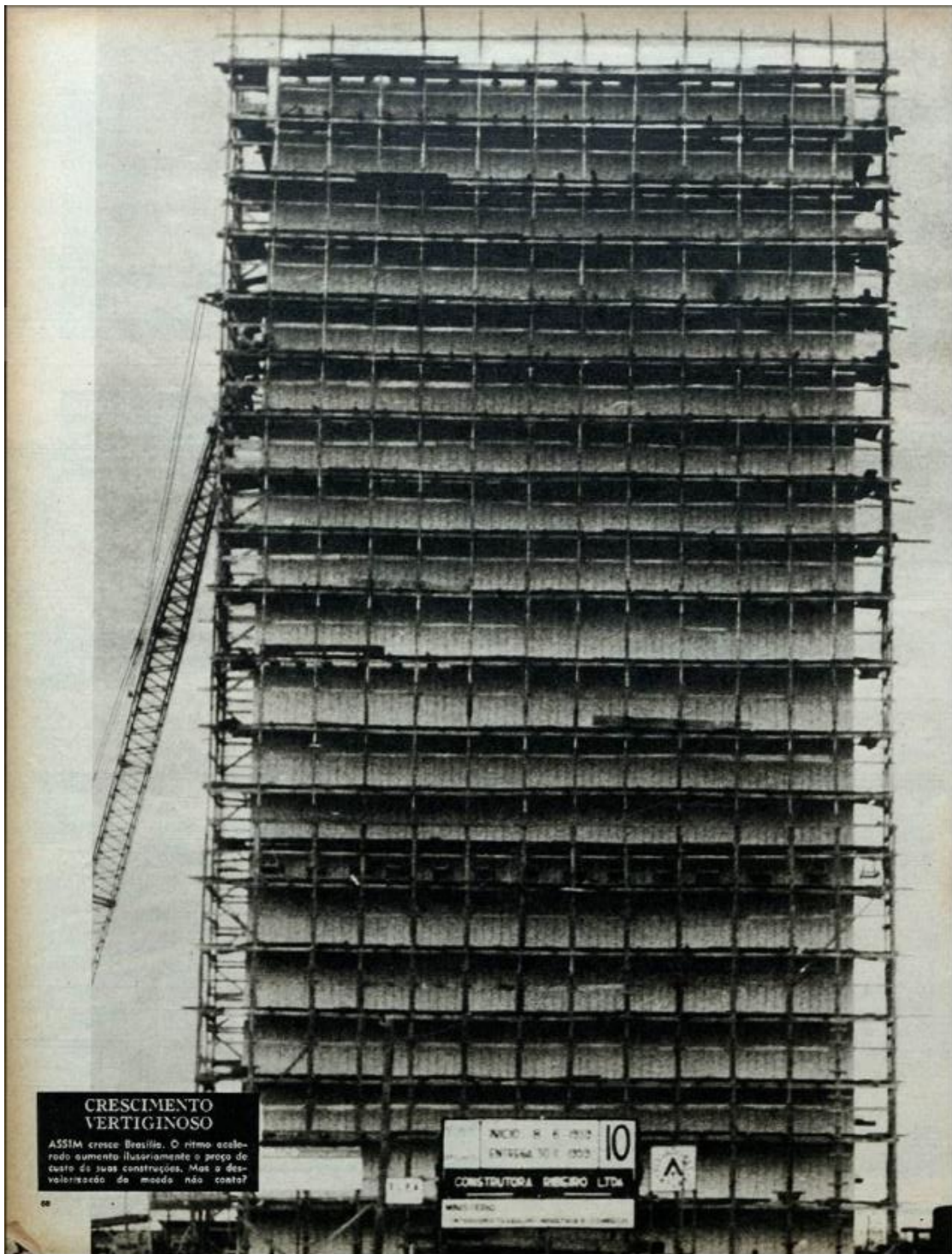


Fotografia 2 Revista *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, Ano 1959, Edição 0008. págs. 65/132  
Acessível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/003581/121766?pesq=BRASILIA>  
acesso em 30/11/2019.

As três primeiras fotografias fazem referência a centralização geográfica, com grupos residenciais asseverando a boa marca Oscar Niemeyer, abrigando confortavelmente a população.

Abaixo a direita faz referência ao progresso que chegou com bota de sete léguas, ou seja, com grande agilidade, Brasília representava a mais arrojada obra do Brasil, aduzia a revista que o Brasil poderia se tornar uma das mais poderosas nações do mundo. Por derradeiro a foto abaixo esquerda: Homens de amanhã estudam em Brasília.





Fotografia 3 -O Cruzeiro, Rio de Janeiro, Ano: 1959, Edição 0008.

págs. 65/132.

Acessível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/003581/121767?pesq=BRASILIA>

acesso em 30/11/2019.

A fotografia acima não faz menção a localização da edificação é um grande espigão, o texto e a fotografia afirmam o acelerado ritmo das obras e o aumento do custo das construções e desvalorização da moeda nacional, uma crítica direta que ocorria esporadicamente, nas reportagens da revista sobre a construção de Brasília.



Fotografia 4- O Cruzeiro, Rio de Janeiro, Ano 1959, Edição 0008

págs. 65/132. Acessível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/003581/121768?pesq=BRASILIA>

acesso em 30/11/2019.

A primeira fotografia a cima retrata o STF na atualidade, antes denominado Palácio da Justiça, a foto faz menção à Lei que ganha um palácio de estilo moderno onde a justiça terá casa ampla e ajustada às suas reais necessidades sem esquecer a estética. Ao lado direito casas populares na W3 SUL, o texto é categórico em afirmar que em Brasília não



haverá favelas e sim habitações dignas, abaixo o protótipo em maquete da catedral na foto faz referência a uma visão de outro planeta com uma criação arrojada que sugere mãos indo para o céu.

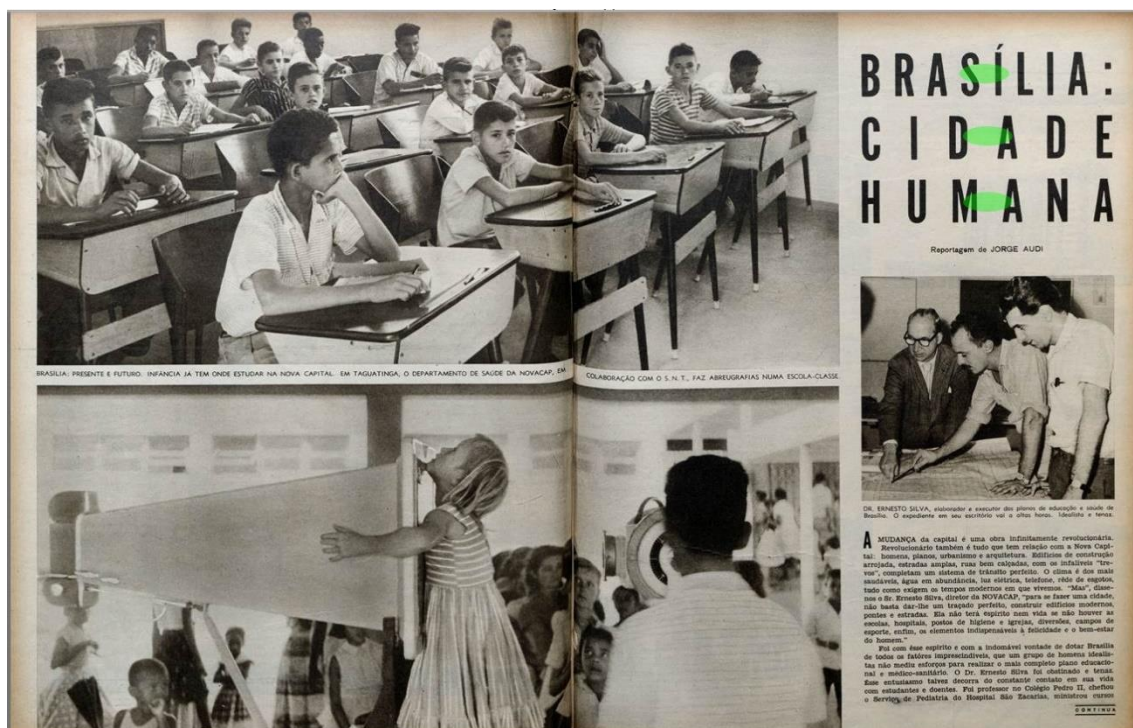


Fotografia 5 - O Cruzeiro, Rio de Janeiro, Ano:1959, Edição 0008, págs. 65/132. Acessível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/003581/121769?pesq=BRASILIA> acesso em 30/11/2019.

Nessa representação fotográfica com pagina dupla, temos ao lado direito a foto que faz alusão ao transito sem cruzamentos da capital e ao lado direito a referência da magnitude do Lago Paranoá, o qual ressalta a fartura de água, mil metros cúbicos de água para cada morador e a promessa de ausência de residências à beira do lago onde tenciona o poder público edificar parques e bosques em suas margens.

A reportagem “Brasília Cidade Humana” retrata aspectos da vida social da Nova Capital. Como nos outros exemplos, os textos são curtos, em letra minuda e em páginas duplas. Nessa grande reportagem é explorada a qualidade de vida que a cidade se propõe a oferecer a milhares de brasileiros que aqui buscam um futuro promissor, uma vida mais feliz e até utópica. O texto de chamada da reportagem usa o apelo de tornar a cidade mais receptiva e aconchegante.





Fotografia 6 - O Cruzeiro, Rio de Janeiro, Edição 0024, Ano: 1960. Acessível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/003581/130084?pesq=BRASILIA> acesso em 30/11/2019.

Nessas fotografias em páginas duplas, a revista ressalta que a mudança da capital é uma obra infinitamente revolucionária, com edifícios de construção arrojada, a cidade tem clima agradável, água potável em abundancia, trânsito perfeito, luz elétrica, estradas amplas ruas bem calçadas com infalíveis trevos. Há grande retratação de pessoas comuns, trabalhadores, donas de casa, crianças, gente do povo.

Apesar das dificuldades iniciais de implantação, todos se uniam com o propósito de tornar Brasília habitável, humana e receptiva, todos aqueles buscavam aconchego, conforto e esperança de dias melhores.



Fotografia 7- O Cruzeiro, Rio de Janeiro, Edição 0024, Ano: 1960. Acessível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/003581/130085?pesq=BRASILIA> acesso em

30/11/2019.

Nessas fotos, em páginas duplas a revista ressalta a vacinação de 104.000 pessoas, a emissão de carteira de saúde para a população, o fornecimento de 5000 refeições aos trabalhadores. A qualidade e inovação das escolas de quadra e escolas Parque que oferecerão atividades extracurriculares á 2000 alunos com atividades de iniciação ao trabalho, bem como arte industrial, promoções artísticas sociais e recreativas.





Fotografia 8- O Cruzeiro, Rio de Janeiro, Edição 0024, Ano:1960. Acessível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/003581/130086?pesq=BRASILIA>, acesso em 30/11/2019.

Aqui, as fotos remetem que a transferência da Capital Federal traria mudanças de qualidade de vida da população, escolas, saneamento básico, moradia digna. Sugerindo que a NOVACAP tem atraído trabalhadores de todas as partes do Brasil com assistência inclusive à saúde de seus trabalhadores.

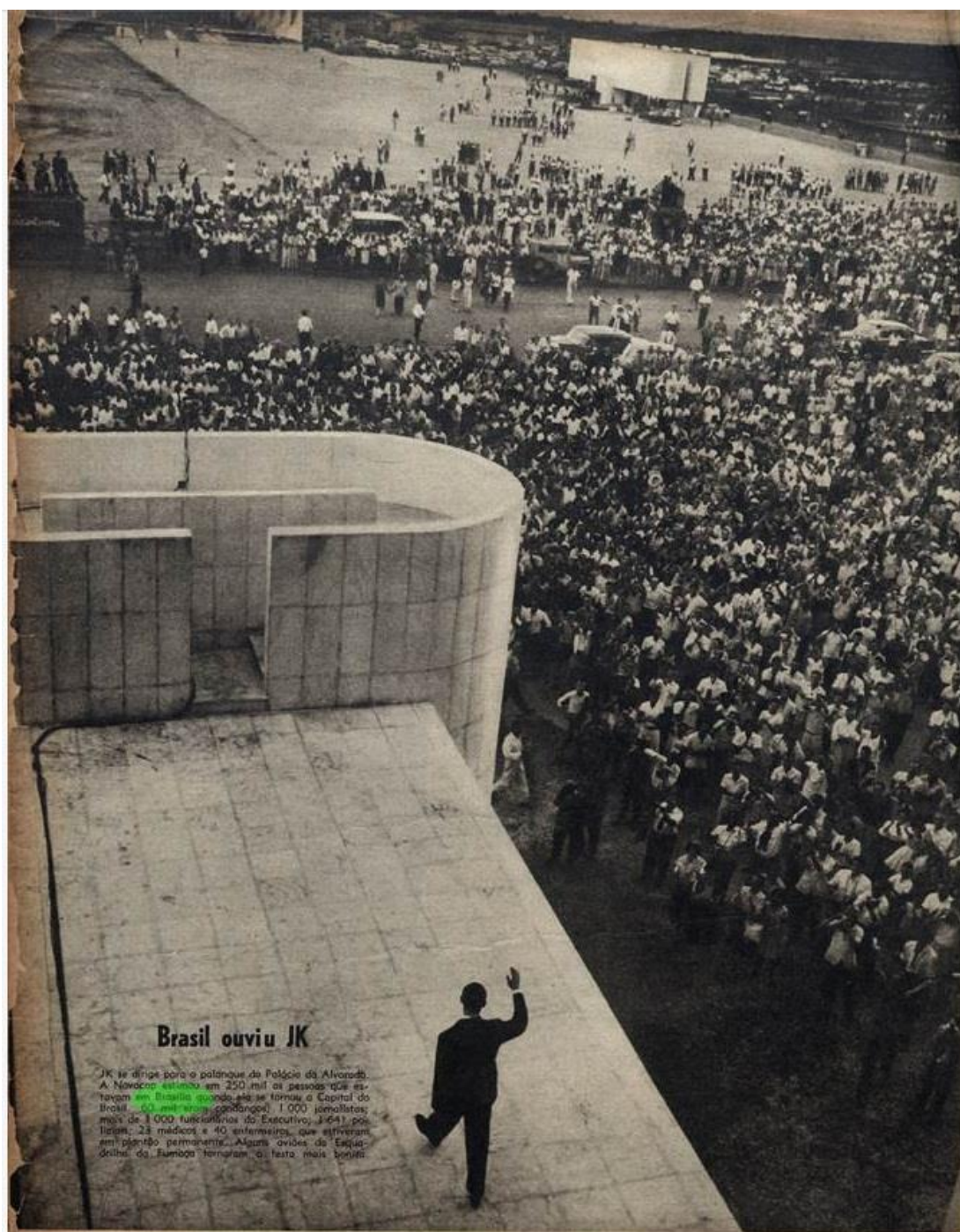
Com chamada de capa. “Extra! Reportagem completa sobre a inauguração de Brasília”, Mais uma grande reportagem de destaque da revista, dessa vez se retratava materialização do nascimento da cidade símbolo do progresso e da modernidade.



Fotografia 9 - O Cruzeiro, Rio de Janeiro, Edição Extra, Ano: 1960. Acessível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/003581/130753?pesq=BRASILIA> acesso em 02/12/2019.

A edição do dia 7 de maio de 1960, publicou a reportagem “O Futuro já tem Capital – Brasília”, que corresponde às páginas de 57/146 até 77/146. Além de uma série de fotografias narrando momentos da inauguração de Brasília, esta edição trouxe mais matérias sobre a nova capital do que outros números. “O Brasil com a sua nova capital deixa para trás o próprio tempo. Brasília saltou por cima do século XX.” ...





Fotografia 10- O Cruzeiro, Rio de Janeiro, Edição Extra, Ano:1960. Acessível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/003581/130754?pesq=BRASILIA> acesso em 02/12/2019.

“O futuro já tem capital” Edição Extra, 07/05/1960 - JK discursa para os que vieram para a inauguração de Brasília, no púlpito do Palácio do Planalto. A estimativa é de 250 mil

peessoas, 60 mil candangos, 1000 jornalistas, todos prestigiando JK, como ele testemunhas de um sonho concretizado.



Fotografia 11 - O Cruzeiro, Rio de Janeiro, Edição Extra, Ano 1960. Acessível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/003581/130762?pesq=BRASILIA%20>  
<http://memoria.bn.br/DocReader/003581/130763?pesq=BRASILIA%20>  
acesso em 02/12/2019.

A presente fotografia representa a amplidão das vias públicas ainda em construção, o trânsito tranquilo, contrário ao caótico tráfego do Rio de Janeiro aliado a setorização dos espaços públicos que nos remete ao moderno e organizado. O título sugere que apesar de muito pessimismo dos políticos e alguns populares principalmente os habitantes do Rio de Janeiro, o sonho de arrojados urbanistas se concretizou.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Às vésperas da inauguração, o IBOPE de 1960 registrou um considerável crescimento da opinião favorável à mudança da Capital, equivalente a 74%, contra 24% de opiniões contrárias, divergindo das opiniões registradas pelo IBOPE de 1958 que registrava 21 % indivíduos entrevistados favoráveis e 58,6% contrários à mudança.

A partir desses dados podemos concluir que a mídia ilustrada teria contribuído para essa progressiva simpatia que a opinião pública passou a nutrir por Brasília. Uma

grande campanha publicitária orquestrada pela revista O Cruzeiro atingiu grande parte da população mesmo pouco alfabetizada e determinou uma aceitação mais profunda pela transferência da capital.

As revistas circulantes registravam e determinavam uma forte presença dos temas relacionados ao nacional-desenvolvimentismo e de Brasília. A propaganda criou muitas possibilidades de consumo e mantinha o clima de esperança e euforia. Brasília fez parte de anúncios das grandes multinacionais, pois era tomada como símbolo de modernidade e progresso.

Por ser mídia fortemente visual, O Cruzeiro objetivava estruturar e divulgar aos leitores, a ideologia do projeto Brasília como seu símbolo maior.

Podemos observar no detalhamento de algumas grandes reportagens, os profissionais desse magazine, acrescentavam em suas representações uma carga significativa de simbolismo, um componente a mais que enriquecia o discurso ideológico, fazendo com que as imagens ganhassem amplos significados, sejam elas de grandes monumentos, grandes avenidas, habitações modernas, infraestrutura e representações de melhor qualidade de vida para a população que chegava na Capital Federal. Essa postura interpreta a posição da revista como favorável à Brasília, concordando com o discurso governista de que a nova capital representaria uma mudança de paradigmas, tanto de nação como de modelo de desenvolvimento e de ocupação territorial.

A imagem fotográfica representou naquele momento um instrumento poderoso para a vinculação de ideias, formação e manipulação de opinião pública, intervindo ao mesmo tempo no campo da imaginação, nos hábitos e valores, bem como na vida cultural da população.

O Cruzeiro exerceu grande influência na vida dos brasileiros e brasileiras no âmbito público e privado e foi capaz de intervir no equilíbrio de forças do jogo do poder.

O governo de JK fez parte de um projeto modernizante das conjunturas sociais, políticas, culturais e econômicas dos chamados anos dourados, existia uma simbologia de poder materializado nos planos urbanos da Nova Capital, as reportagens e fotografias sobre a construção de Brasília, buscaram legitimar a divulgação de um discurso oficial.

Por ter uma postura cosmopolita e atingir grande parte da população brasileira, o magazine colaborou determinantemente para uma aceitação mais efetiva da transferência da capital, principalmente no Rio de Janeiro onde a resistência foi maior.

Conclui-se pela farta documentação pesquisada que de fato, houve uma campanha na construção de um consenso favorável à mudança da capital, aliada a uma sedimentação

dos ideais desenvolvimentistas como hegemônicos na sociedade, esta foi a linha veiculada pela revista O Cruzeiro é válido o paradigma de que o nacional-desenvolvimentismo divulgou a imagem de Brasília como seu símbolo maior, as imbricações entre ambos apareceriam nas páginas das revistas.

## **FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Fonte:

O CRUZEIRO, edições com fotografias e reportagens datadas de 26/03/1960, 19/03/1960-05/12/1959, 13/05/1959, 20/12/1958, 20/05/1960, 28/11/1959, 11/10/1958, 28/05/1960, 25/07/1959, 16/06/1957

In Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Acessível em 02/12/2019.....

Referências Bibliográficas:

ABREU, Alzira Alves de (org.). A Imprensa em Transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. Editora FGV, 2008. 200p

BARBOSA, Marialva. O Cruzeiro: uma revista síntese de uma época da história da imprensa brasileira. Ciber legenda, nº 7, 2000. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/maria16htm>. Acesso em: 19/05/2019.

BOMENY, Helena. Utopias de cidade: as capitais do modernismo. In: GOMES, Ângela de Castro (Coord.). O Brasil de JK. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1991

BOURDIER, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CALLADO, ANTÔNIO. “Eu presenciei o primeiro fim do mundo”. In Ilustrada. Folha de São Paulo. São Paulo, sábado, 25/5/1996. Acessível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/5/25/ilustrada/25.html> Acesso em 30/11/2019.

CARVALHO, Luiz Maklouf. Cobras criadas: David Nasser e O Cruzeiro. São Paulo: Senac, 2001.

CARDOSO, Mirian Limoeiro. Ideologia do desenvolvimento. Brasil: JK/JQ. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CASTILLO, Miguel del. Sergio Larrain na revista O cruzeiro Internacional. In Sergio Larrain - um retângulo na mão. Exposição IMS. (2016). Disponível em <https://ims.com.br/2016/05/04/sergio-larrain-na-revista-o-cruzeiro-internacional/> Acesso em 30/11/2019.

COSTA Helouise, BURGI Sergio, As origens da fotojornalismo no Brasil- Um olhar sobre O Cruzeiro1940/1960- Instituto Moreira Salles, 2012



FERREIRA, Marieta de Moraes; MESQUITA, Claudia. Os anos JK no acervo da Biblioteca Nacional. In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Brasileira da Biblioteca Nacional-guia de fontes sobre o Brasil /Organização Paulo Roberto Pereira. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Nova Fronteira, 2001. il., p.329-368.

<https://cpdoc.fgv.br/produção/dossies/JK/artigos/Brasilia/Meta-sintese>  
(FGV-CPDOC- Lucia Lippi Oliveira) s.pag

IBGE – Anuário estatístico do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1960.

INTECON – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação V  
Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo – 31 maio a 02 de junho de 2007

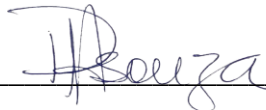
LAFER, Celso. JK e o programa de metas (1956-1961). Processo de planejamento e sistema político no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Imprensa carioca nos anos 50: “Os anos dourados”  
In: ABREU, Alzira Alves. A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50.  
Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

## **DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE**

Eu, Patrícia Moreira Alves de Souza, brasileira, casada, matrícula 15/0073119, RG 646 533 SSP/DF, residente e domiciliada nessa capital, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado História- Licenciatura, foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que, o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Brasília, 09 de dezembro de 2019



---